

Estado Funcional versus Estado Cerebral

Hilary Whitehall Putnam (1926-2016)

Trechos da seção II, e seção III, do artigo “Psychological predicates”, in CAPITAN, W.H. & MERRILL, D.D. (orgs.) (1967), *Art, Mind and Religion*, U. Pittsburgh Press, pp. 37-48. Seguimos aqui a paginação da reimpressão in HEIL, J. (org) (2005), *Philosophy of Mind: A Guide and Anthology*, Oxford U. Press, pp. 158-67. Reimpresso também com o título “The nature of mental states”, por exemplo na coletânea de BEAKLEY, B. & LUDLOW, P. (orgs.) (1992), *The Philosophy of Mind: Classical Problems / Contemporary Issues*, MIT Press, Cambridge, pp. 51-8. Texto em inglês disponível em:

<http://www.stanford.edu/class/symsys100/Putnam.pdf>

Tradução de Osvaldo Pessoa Jr. para a disciplina TCFC III: Filosofia das Ciências Neurais, FFLCH, USP, 2013.



Rara foto de Putnam quando jovem, em torno de 1962, no cartaz do Delaware Seminar in the Philosophy of Science.

[...] [161] Dado que não estou discutindo no que consiste o conceito de dor, mas sim o que é a dor, num sentido de “é” que requer uma construção empírica de teoria (ou, pelo menos, uma especulação empírica), não pedirei desculpas por propor uma hipótese empírica. De fato, minha estratégia será argumentar que a dor *não* é um estado cerebral, com base não em considerações a priori, [162] mas sim porque haveria outra hipótese mais plausível. O desenvolvimento e a verificação detalhados de minha hipótese seriam uma tarefa tão utópica quanto o desenvolvimento e a verificação detalhados da hipótese do estado-cerebral. Mas a proposta, não de hipóteses detalhadas e cientificamente “acabadas”, mas de esquemas de hipóteses, tem sido por muito tempo uma função da filosofia. Em suma, argumentarei que a dor não é um estado cerebral, no sentido de um estado físico-químico do cérebro (ou mesmo de todo sistema nervoso), mas um *gênero* [kind] totalmente diferente de estado. Proponho a hipótese de que a dor, ou o estado de sentir dor, é um estado funcional de um organismo inteiro. [...]

[164] Pode-se talvez perguntar se não estou sendo um tanto injusto ao considerar que o teórico do estado-cerebral está falando dos estados *físico-químicos* do cérebro. Mas (a) estes são as únicas variedades de estados mencionadas pelos teóricos do estado-cerebral. (b) O teórico do estado-cerebral geralmente menciona (com certo orgulho, levemente reminescente do *Village Atheist*¹) a incompatibilidade de suas hipóteses

com todas as formas de dualismo e mentalismo. Isso é natural se o que estiver em questão forem os estados físico-químicos do cérebro. No entanto, estados funcionais de sistemas inteiros são algo bastante diferente. Em particular, a hipótese do estado-funcional *não* é incompatível com o dualismo! Apesar de não ser preciso dizer que a hipótese [funcional] é de inspiração “mecânica”, é um fato levemente notável que o sistema consistindo de um corpo e uma “alma”, se houver tais coisas, pode perfeitamente ser um Autômato Probabilístico. (c) Um argumento dado por Smart é que a teoria do estado-cerebral supõe apenas propriedades “físicas”, e Smart considera que propriedades “não físicas” são ininteligíveis. Os Estados Totais e as “entradas” [“inputs”] definidas acima não são, é claro, nem mentais nem físicas por si mesmas, e eu não consigo imaginar um funcionalista propondo esse argumento. (d) Se o teórico de estado-cerebral de fato refere-se a estados que não sejam estados físico-químicos (ou pelo menos os admite), então sua hipótese é completamente vazia, pelo menos até ele especificar a *que* variedades de “estados” ele *de fato* se refere.

Tomando a hipótese do estado-cerebral desta maneira, então quais razões haveria para preferir a hipótese do estado-funcional ao invés da hipótese do estado-cerebral? Considere o que o teórico do estado-cerebral tem que fazer para validar suas afirmações. Ele tem que especificar um estado físico-químico de tal forma que *qualquer* organismo (não apenas um mamífero) esteja com dor se e somente se (a) ele possuir um cérebro de uma estrutura físico-química

¹ Aquela pessoa radical e intolerante que não aceita posições contrárias.

apropriada; e (b) seu cérebro estiver naquele estado físico-químico. Isso significa que o estado físico-químico em questão precisa ser um estado possível de um cérebro de mamífero, de um cérebro reptiliano, de um cérebro de molusco (polvos são moluscos, e certamente sentem dor), etc. Ao mesmo tempo, este estado *não* pode ser um estado possível (fisicamente possível) de um cérebro de uma criatura que não consegue sentir dor. Mesmo que tal estado pudesse ser encontrado, é preciso estar nomologicamente seguro que ele também seria um estado do cérebro de qualquer vida extraterrestre que pudesse ser encontrada e que tivesse a capacidade de sentir dor, antes que pudéssemos ao menos considerar a suposição de que ele poderia *ser* dor.

Não é totalmente impossível que tal estado seja encontrado. Apesar de polvos e mamíferos serem um exemplo de evolução paralela (e não sequencial), há o exemplo de estruturas virtualmente idênticas (no sentido físico) que evoluíram no olho do polvo e no olho do mamífero, apesar do fato de que este órgão evoluiu a partir de diferentes tipos de células nos dois casos. Assim, seria pelo menos possível que uma evolução paralela, através de toda extensão do universo, pudesse *sempre* levar ao *mesmo* “correlato” da dor. Mas esta é certamente uma hipótese ambiciosa.

Finalmente, a hipótese se torna ainda mais ambiciosa quando nos damos conta de que o teórico do estado-cerebral não está dizendo apenas que *dor* é um estado cerebral; ele está, é claro, [165] preocupado em defender que *todo* estado psicológico é um estado cerebral. Assim, se pudermos encontrar pelo menos um predicado psicológico que pode ser claramente aplicado tanto a um mamífero quanto a um polvo (digamos “com fome”), mas cujo “correlato” físico-químico é diferente nos dois casos, a teoria do estado-cerebral colapsa. Parece-me altamente provável que possamos fazer isso. Concede-se que, em tal caso, o teórico do estado-cerebral possa se salvar por meio de suposições ad hoc (por exemplo, definindo a disjunção de dois estados como sendo um único “estado físico-químico”), mas isso não precisa ser levado a sério.

Voltando agora para as considerações *em favor* da teoria do estado-funcional, comecemos pelo fato de que identificamos organismos como estando com dor, com fome, com calor etc., com base em seu *comportamento*. Mas é um truísmo que semelhanças no comportamento de dois sistemas são pelo menos uma razão para se suspeitar que haja semelhanças na organização funcional dos dois sistemas, e uma razão muito mais *fraca* para suspeitar que haja semelhanças nos detalhes físicos concretos. Além disso, temos a expectativa de que os vários estados psicológicos – pelo menos os mais básicos, como ter fome, sede ou agressividade etc. – tenham “probabilidades de transição” mais ou menos semelhantes (dentro de limites amplos e mal definidos, com certeza) entre si e com o comportamento, no caso de diferentes espécies, porque isso é consequência [*artifact*] da própria maneira pela qual identificamos esses estados. Assim, não consideraríamos um animal como tendo *sede* se seu comportamento “insaciado” não parecesse ser dirigido a beber, e isso não fosse seguido de “saciedade por líquidos”. Assim, qualquer animal que consideremos capaz de estar nessas vários estados irá pelo menos parecer ter um certo gênero grosseiro de organização funcional. E, conforme já comentado, se o programa de encontrar leis psicológicas que não sejam específicas a uma espécie – ou seja, de encontrar uma forma normal de teorias psicológicas para espécies diferentes – algum dia tiver sucesso, então trará em sua esteira um delineamento do gênero de organização funcional que é necessário e suficiente para um dado estado psicológico, assim como uma definição precisa da noção de “estado psicológico”. Por contraste, o teórico do estado-cerebral precisa ter a esperança do eventual desenvolvimento de leis neurofisiológicas que sejam independentes de espécies, o que parece ser muito menos razoável do que a esperança de que leis psicológicas (de um gênero suficientemente geral) possam ser independentes de espécies, ou, de maneira ainda mais fraca, de que uma *forma*, independente de espécies, possa ser encontrada na qual as leis psicológicas possam ser escritas.